

Língua Portuguesa no ensino não universitário

Quando estudar é mesmo para saber mais...

Em três países do leste europeu, onde não existem comunidades lusófonas significativas, a Língua Portuguesa está a ser ministrada no sistema de ensino não universitário. O fenómeno, em desenvolvimento, tem várias explicações que se podem facilmente identificar como ditadas pelas vantagens que o domínio do Português pode oferecer. Mas por detrás das motivações dos alunos estão por vezes coisas tão simples como «estudar para saber mais», como refere Joaquim Coelho Ramos, responsável do Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões (CCP/IC) de Praga. Polónia, República Checa e Roménia são os três países em que o Português é uma disciplina opcional ou curricular nos programas oficiais do ensino não universitário, seja ele básico, secundário ou médio.

Segundo José Carlos Dias, leitor do IC na Universidade de Varsóvia, no Liceu Ruy Barbosa, da capital polaca, «o português é umas das línguas estrangeiras do leque de opções curriculares, ao lado do inglês, alemão e russo». E numa escola secundária de Lublin e em duas de Cracóvia é uma opção livre.

Ao todo são 188 alunos, cabendo a fatia principal aos 122 inscritos em seis turmas – duas por cada nível (inicial, elementar e intermédio) – do Liceu Ruy Barbosa, segundo os dados avançados pelo leitor do IC. Na escola secundária de Lublin, há 30 alunos de portugueses divididos numa turma de nível inicial e outra de nível elementar. Já em Cracóvia, o Liceu nº V e o Liceu nº XVII têm cada um uma turma de nível inicial, com 12 e 17 alunos, respectivamente. O Liceu nº XVII passará a ter duas turmas este mês com carácter obrigatório, revela José Carlos Dias.

Na Polónia, a integração de uma língua estrangeira nos currículos escolares depende da vontade da escola, afirma José Carlos Dias. Foi o que aconteceu com o Liceu Ruy Barbosa. «A integração do Português como língua curricular em escolas do ensino inicial é um trabalho por fazer na Polónia», considera o leitor que lamenta o facto de em 2006/2007 o Estado polaco ter retirado o Português do leque de exames de língua estrangeira que se fazem no 12º ano.

Na Roménia, é possível estudar Português em três liceus – Eugen Lovinescu, de Bucareste, George Galinescu, de Constança, e Mihai-Eminescu, da cidade de Cluj Napoca. Em 2008/2009, mais de 260 alunos frequentavam aulas de Português nestes três estabelecimentos. Entre o 5º e o 12º anos, em Bucareste, e entre o 9º e 12º anos nos liceus das duas outras cidades.

Já na República Checa, o Português é disciplina opcional da Escola de Hotelaria de Praga, um estabelecimento de ensino técnico, e na Escola Média/Superior de Praga 7, especializada em línguas, que corresponde, grosso modo, ao que hoje é em Portugal o ensino secundário (10º ano em diante) e um bacharelato, que na realidade se assemelha mais ao que se poderia descrever como ensino pré-universitário, um pouco à maneira americana – na explicação de Joaquim Coelho Ramos –, mas que permite, como já aconteceu no ano passado com três alunos, o acesso ao mestrado universitário, segundo o modelo de Belorússia. Aqueles alunos escolheram o Português para matéria do seu exame de Estado de acesso aos mestrados de Língua Portuguesa e Pedagogia. Na Escola de Praga 7, os exames de acesso, em Junho, trouxeram mesmo uma surpresa: «Português

foi a língua mais procurada». De 52 candidatos para várias línguas, 22 foram para Português.

Na escola de Hotelaria os alunos têm de escolher línguas e entre estas está o Português, uma disciplina anual. No ano lectivo de 2008/2009 12 alunos fizeram essa opção e o seu número este ano será da mesma ordem.

No norte da República Checa, o *Gymnázium* de Lovosice, na localidade do mesmo nome, estabeleceu um projecto no âmbito da União Europeia com a Escola EB 2,3 de Paranhos, Porto, em que um dos principais efeitos é o ensino do Português na faixa etária dos 14-17 anos, revela ainda Joaquim Ramos. Dois professores dessa escola checa estão a frequentar este ano um curso intensivo de Português, apoiado pelo IC, no CLP de Praga, para depois ministrarem o Português de nível básico aos seus alunos.

No passado, houve também o ensino de Português numa escola da Morávia, na cidade de Šumperk, mas neste momento não há professor. «Vamos tentar pôr lá alguém», promete Joaquim Ramos, que explica a dificuldade pelos «muitos pedidos a nível do superior para o ensino do Português». «Não temos capacidade de resposta», admite o responsável do CLP de Praga, onde mais 25 checos aprendem Português nos vários níveis dos cursos livres. É essa a razão por que não tem sido possível satisfazer o pedido da Universidade Técnica de Liberec de abertura de um curso de Português não conducente a grau académico.

O ensino de Português nestas escolas do leste europeu é assegurado maioritariamente por professores dos respectivos países. Em Varsóvia, segundo indica José Carlos Dias, são professoras polacas licenciadas em Estudos Portugueses pela Universidade de Varsóvia. Em Lublin, o Português é assegurado por seis professores da secção de Estudos Portugueses da Universidade de Marie-Curie Skłodowska, entre os quais há um de nacionalidade portuguesa. Em Cracóvia, o professor é um cidadão português a viver na cidade, com formação em ensino de Português. Na Roménia, o panorama não é muito diferente, assim como na República Checa.

Para facilitar a preparação de professores, em Outubro passado foi assinado um protocolo entre IC e o município de Cracóvia, que tutela os dois liceus da cidade em que se ensina Português – o V Liceum Ogólnokształcące im Augusta Witkowskiego e o XVII Liceum Ogólnokształcące im. Młodej Polski. –, o qual permite aos estudantes do 2º ciclo de Filologia Portuguesa da Universidade Jagellónica, de Cracóvia, efectuar os estágios pedagógicos necessários à obtenção do diploma de «magister» (professor) no ensino da Língua Portuguesa.

A intervenção dos leitorados e dos centros de língua portuguesa do IC no apoio pedagógico a estes professores é diversa. Enquanto na Roménia o apoio científico-didático está nas atribuições dos leitores portugueses, na Polónia essa ligação é mais fluida. «Como a professora de Varsóvia é

jovem e não tem muita experiência de ensino, eu apoio-a na planificação e preparação das aulas. Mas esta situação é nova e excepcional», declara José Carlos Dias. «Normalmente a planificação lectiva é da responsabilidade dos professores», sublinha, acrescentando que «a relação das escolas com o IC vê-se nas actividades culturais do leitorado». Já na República Checa, a intervenção científico-didática do CLP/IC de Praga nas escolas secundárias é pontual. O responsável do centro está sobretudo preocupado em responder à procura de professores de Português, como acontece com

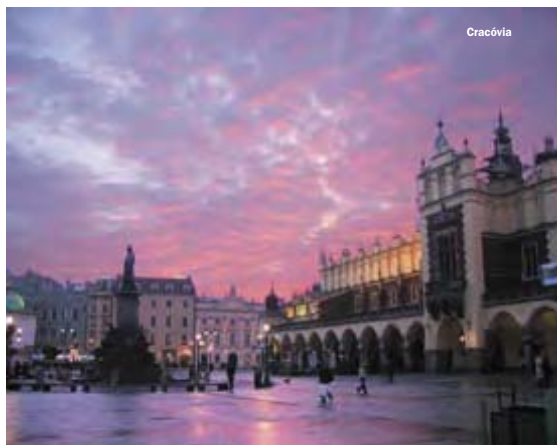
fazer Português», ou o de dois alunos que ouviram Mariza e quiseram aprender Português. Mas também existem estudantes que querem pura e simplesmente trabalhar ao nível da investigação em literatura portuguesa sobre Miguel Torga e Raul Brandão (dois casos concretos) ou que «têm de aprender uma 2ª língua românica por razões de currículo e escolhem o Português».

Há ainda, segundo diz Joaquim Coelho Ramos, uma segunda «fornada» de gente de estabelecimentos como a Universidade de Agronomia de Praga, da Faculdade Pedagógica da Universidade de Brno ou da Universidade de Hradec Kralove, no centro da República Checa, entre a Boémia e a Morávia, que está envolvida em programas de cooperação com países africanos de língua oficial portuguesa. Razão também pela qual «muita gente do corpo diplomático da República Checa está a aprender Português, ou já aprendeu Português», refere.

No entanto, no interesse dos checos pelas línguas e pelo Português, está toda uma outra atitude. É Joaquim Coelho Ramos, docente desde 2005 na Universidade Carolina de Praga, explica: «as pessoas pensam que estudar línguas é uma coisa gira... Na República Checa quando têm empresários a investir na Indonésia, têm um checo que fala qualquer língua da Indonésia para acompanhar os empresários. Isto é uma vantagem económica extraordinária». Não admira assim que na Universidade de Economia de Praga (VSE), que tem cerca de 14 alunos em Português, todas as faculdades tenham um departamento de línguas e os alunos tenham que aprender «uma, duas ou três línguas». «É uma visão completamente diferente das coisas. Entendem que, para fazer uma expansão económica, de influências, saber línguas é fundamental».

No limite dessa diferente atitude das pessoas em relação às línguas está o caso, por exemplo, de quem esteja «a reflectir se vai estudar Medicina ou Latim». «A questão põe-se», garante o responsável do CLP/IC de Praga. «A visão do ensino superior na República Checa não é tirar Português para ser professor de Português. É estudar para saber mais e depois logo se vê».

Na Polónia, José Carlos Dias regista motivações menos diversificadas. Os alunos do liceu de Varsóvia cedo contactam com a língua portuguesa porque o patrono da escola é o político e literato brasileiro Ruy Barbosa. «Portanto, a maior parte escolhe Português porque fica curioso e quer saber mais sobre Portugal e sobre o Brasil: música e futebol, principalmente». «Normalmente são estas também as razões que ouço noutras escolas», acrescenta. Mas há também razões menos «exaltantes». Um punhado de alunos escolhe o Português como segunda língua estrangeira «para fugir do alemão e



Cracóvia



Festa da Europa na Escola Primária de Rostok u Prany, Praga

a formação em curso de dois professores para o *Gymnázium* de Lovosice, a cargo do próprio leitor português e de um bolseiro checo, filólogo de português.

Motivações

«Há imensas razões» para haver um grupo de gente relativamente significativo a querer estudar Português. Vão «desde as mais mezinhas» às mais «académicas», refere Joaquim Coelho Ramos, que não distingue entre as motivações dos estudantes do secundário e da universidade. Dá como exemplo das primeiras motivações o caso de checos/as que «vêm fazer o *Erasmus* [o programa europeu de intercâmbio de estudantes entre universidades] a Portugal, arranjam um namorado/o e querem

Cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha

O trânsito dos saberes

Dois anos depois da sua criação pelo Instituto Camões, em parceria com a Universidade de Bolonha, a cátedra *Eduardo Lourenço* está a lançar novos projectos, nomeadamente na área do ensino à distância.

A cátedra é actualmente regida pela sua primeira titular, a docente universitária Margarida Calafate Ribeiro, do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra – instituição dirigida pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos –, e coordenada pelo professor Roberto Vecchi, da Faculdade de Língua e Literatura Modernas Estrangeiras da Universidade de Bolonha.

Segundo a professora portuguesa, «através da cátedra, é ministrado o curso de mestrado de História da Cultura Portuguesa com ênfase, em particular, no estudo do eixo colonialismo/pós-colonialismo e nas questões teóricas relacionadas com este tópico». O curso teve como tema no seu primeiro ano (2008) *Os Atlânticos do Sul* e no segundo ano (2009) *Pós-Colonialismos em Português*.

A cátedra tem também promovido várias acções de extensão e de investigação com centros de pesquisa portugueses e brasileiros e desenvolve uma intensa actividade editorial (v. caixa), refere Margarida Calafate Ribeiro.

A instituição da cátedra coincidiu com o doutoramento *honoris causa* de Eduardo Lourenço pela Universidade de Bolonha, em 4 de Dezembro de 2007. «A grandeza intelectual de Eduardo Lourenço e os estudos transversais e seminiais que o conjunto da sua obra hoje representa no panorama cultural português e europeu, condicionou o perfil da cátedra: um lugar de trânsito de saberes transdisciplinares nas suas reflexões sobre Portugal e as culturas de língua portuguesa a partir de uma perspectiva que combina os estudos culturais e os estudos pós-coloniais», afirma Margarida Calafate Ribeiro. Na sua abordagem destes tópicos, a cátedra parte das literaturas escritas em língua portuguesa, «como o grande arquivo do império e de Portugal», acrescenta.

Para além das actividades didácticas, relacionadas com a disciplina de História da Cultura Portuguesa, Margarida Calafate Ribeiro faz conferências noutras universidades italianas, participa em sessões de orientação de mestrado e de doutoramento de alunos da Universidade de Bolonha e apoia e treina jovens investigadores no CES, mediante projectos de investigação por si liderados.

Em 2008, a cátedra, em colaboração com o IC, estreitou-se no ensino à distância através da plataforma do Centro Virtual Camões, com o curso *Estudos Pós-coloniais - Atlânticos Sul*. Credenciado pela Universidade de Bolonha, o curso, actualmente já na sua 2ª edição, tem a direcção científica de Roberto Vecchi e de Margarida Calafate Ribeiro, com tutoria de Hélia Santos.

E é no campo do ensino à distância que está precisamente uma das próximas iniciativas da cátedra *Eduardo Lourenço*. Em desenvolvimento,



Roberto Vecchi

encontra-se, com efeito, um segundo curso de ensino à distância, «um projecto mais ambicioso», no dizer da regente da cátedra. Terá uma duração anual e debruçar-se-á sobre os *Pós-Colonialismos no Espaço de Língua Portuguesa*.

Realizado em estreita colaboração com o CES da Universidade de Coimbra, no âmbito dos seus programas de doutoramento, terá direcção científica da regente e do coordenador da cátedra (v. caixa).

Associados à cátedra e à sua programação e desenvolvimento estão outros projectos que são levados a cabo por investigadores das instituições envolvidas.

Entre os mais relevantes, Margarida Calafate Ribeiro indica os estudos sobre o trauma, a guerra colonial e as representações culturais, no projecto *Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representação*, em curso no CES, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Além disso, a cátedra elabora projectos de investigação no âmbito do 7 FP (*Seventh Framework Programme for research and technological development*) da União Europeia, da FCT, do



Margarida Calafate Ribeiro e Eduardo Lourenço

Ministero della Università di Itália, com uma «intensa rede de contactos e intercâmbios com o Brasil e a África de língua portuguesa».

«A cátedra *Eduardo Lourenço*, fazendo jus ao seu patrono, pretende ser um instrumento dinâmico e decisivo para fortalecer relações interuniversitárias e multiplicar projectos científicos de dimensão internacional e assim proporcionar uma investigação e docência de extrema inovação, vanguarda e qualidade», sintetiza Margarida Calafate Ribeiro.

Actividade editorial

A cátedra *Eduardo Lourenço* desenvolve uma intensa actividade editorial em colaboração com a editora italiana DIABASIS e com o apoio da Direcção-Geral do Livro e da Biblioteca, espelhada na colecção 'CAIS - Extrema Europa: Ocidente'.

A colecção, diz a regente da cátedra, Margarida Calafate Ribeiro, está centrada «no ensaio português ou na narrativa que reflecte sobre Portugal ou, de modo mais amplo, sobre o espaço da língua portuguesa».

Il Labirinto della Saudade, de Eduardo Lourenço, *Atlântico Periferico - Il Postcolonialismo Portoghese e Il Sistema Mondiale*, cujos autores são Boaventura de Sousa Santos, Maria Irene Ramalho, Margarida Calafate Ribeiro e António Sousa Ribeiro, e *La Corrispondenza di Fradique Mendes*, de Eça de Queirós, são os livros já editados ao dispor do público italiano, com prefácio e pós-fácio da responsabilidade de Roberto Vecchi e de Vincenzo Russo.

Pepetela, Helder Macedo, Fernando Pessoa, João Paulo Borges Coelho são os autores que serão publicados em 2010 no âmbito do projecto CAIS, «um projecto que procura construir uma dimensão crítica dos estudos portugueses em Itália».

Aula inaugural

A ex-presidente do Instituto Camões Simonetta Luz Afonso vai pronunciar em Fevereiro a aula inaugural do presente ano académico da cátedra *Eduardo Lourenço* da Universidade de Bolonha, com uma intervenção sobre a lusofonia.

A aula inaugural é ministrada por uma personalidade representativa do mundo cultural português, segundo refere Margarida Calafate Ribeiro.

No primeiro ano, a tarefa coube ao próprio patrono da cátedra, cuja lição foi publicada pelo Instituto Camões e está hoje disponível na Biblioteca Digital do IC.

Seguiu-se a 4 de Dezembro de 2008 o sociólogo Boaventura de

Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com a comunicação *Portugal: um projecto de país pós-colonial*.

Perfil do novo curso à distância

O curso à distância *Pós-Colonialismos no Espaço de Língua Portuguesa*, que está a ser preparado pela cátedra *Eduardo Lourenço* com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, para a plataforma do Centro Virtual Camões, destina-se a «a alunos de pós-graduação, falantes de português».

O curso, segundo Margarida Calafate Ribeiro, regente da cátedra, «tem como objectivo geral dar a conhecer e reflectir sobre a duração histórica, social, política e epistémica dos espaços de língua portuguesa, a partir da análise das relações coloniais que os uniram».

«A análise destes espaços hoje, como um conjunto de espaços pós-coloniais de língua portuguesa, é também um dos objectivos deste curso e far-se-á não apenas a partir da análise das relações políticas, sociais e culturais que os animam, mas também das relações geradas a nível local, regional e global», explica.

O curso está dividido em três grandes partes: as duas primeiras assentam na análise de 'Textos e Contextos', sendo o suporte dado pelos próprios textos e por um conjunto de mais de trzentas imagens.

A terceira parte é dedicada aos conceitos teóricos e operacionais do curso. Esta parte é composta por pequenas aulas/depoimentos gravados de grandes especialistas das áreas nos vários contextos de língua portuguesa.

«O público alvo deste curso é extremamente vasto. Estimamos que para além do público do curso de *e-learning*, interessará a todos os cursos de Literatura, História e Estudos Culturais, com uma especial vocação para os Estudos Portugueses no estrangeiro», diz Margarida Calafate Ribeiro.

Quando estudar...

do russo, línguas nem sempre populares entre os polacos devido às relações entre a Polónia e estes países».

Oportunidades

Mas que repercussões tem afinal esta aprendizagem de Português na vida dos seus estudantes?

Na República Checa há imenso emprego para quem sabe Português, afirma Joaquim Coelho Ramos. Numerosos estudantes são depois tradutores ou guias turísticos. A língua portuguesa é uma das mais bem pagas entre os guias turísticos de Praga. E muitos outros trabalham em multinacionais,

com interesses em África ou no Brasil, que têm escritórios na República Checa, porque aí «é mais barato ter mão-de-obra altamente especializada», ou em empresas checas que trabalham para essas multinacionais. E todas elas precisam de pessoas que falem português.

O quadro para a língua portuguesa é na República Checa o oposto da crise. O Brasil é sem dúvida uma das explicações e a África também. Mas «o que é facto é que há muita gente a procurar a literatura portuguesa para trabalhar. Neste momento temos carência de tradutores literários, porque as pessoas têm procurado mais teses de doutoramento na área da linguística», razão que levou a Universidade Carolina a lançar com o apoio do IC um concurso de tradução literária aberto a todos os lusitanistas da República Checa.

As cerca de 90 empresas com capital português

existentes na Polónia criam saídas profissionais para quem aprende a língua portuguesa. «Várias destas empresas, principalmente as mais pequenas, precisam de pessoas que falam português para funções de secretaria, assistência de direcção, tradução, contacto com os clientes, ou seja, funções de mediação entre as chefias portuguesas e os funcionários polacos. A Cifial, por exemplo, acabou a semana passada de contratar um aluno meu de Varsóvia para assistente de direcção», relata José Carlos Dias.

Depois, tal como em Praga, há as possibilidades abertas pelo turismo – guias, hotéis, agências de viagem. «Duas ex-estudantes minhas abriram uma empresa de guias turísticas para portugueses e brasileiros e desde a Páscoa até Outubro não têm descanso de tantas visitas guiadas que fazem», conta ainda o leitor de Varsóvia.

Menos significativas, no entender de José Carlos Dias, são as saídas profissionais no campo da interpretação, da tradução técnica e da tradução literária. «Este tipo de trabalhos têm uma natureza mais ocasional. Mas quando há eventos como conferências, provas de vinho, visitas oficiais, muitos estudantes e recém-licenciados são recrutados».

Por último, «mas não menos importante», aparece na Polónia o ensino do Português como saída profissional, seja em escolas privadas de línguas, seja na vida académica de uma das universidades com cursos de Português, que «nos últimos anos têm ganhado muita popularidade e recebem cada vez mais alunos». Razões para acreditar que o potencial de desenvolvimento do Português ainda não está esgotado.

Portugueses de Malaca'

Aprender a língua para preservar a identidade

Desde Outubro passado que crianças pertencentes à pequena comunidade dos 'portugueses de Malaca' – a cidade malaia que esteve sob domínio português entre 1511 e 1641, classificada em 2008 como património da Humanidade pela UNESCO – estão a aprender a Língua Portuguesa, graças a um projecto da Associação *Korsang di Melaka* (Coração em Malaca), uma ONG portuguesa, apoiado pelo Instituto Camões.

Segundo explica Cátia Candeias, que está a ministrar as aulas e que é licenciada em desenvolvimento comunitário, o projecto, nascido após a consulta aos líderes desta pequena comunidade, partiu da percepção das aspirações e características idiossincráticas da comunidade – «ser religiosamente cristã, falar um crioulo português (oral, nunca escrito), possuir grupos folclóricos que dançam música portuguesa e que trajam com sinais evidentes de ligação a Portugal, demonstrar práticas culturais de ligação afectiva e patrimonial a Portugal» e «ter um historial de reivindicação de valores e argumentos para a sua autonomia e diferenciação no conjunto dos povos da Malásia».

O projecto, que vai ter para já a duração de oito meses, partiu também, segundo a docente, da «própria consciência da comunidade de que o número de falantes do seu crioulo português está a diminuir» e de que não bastava a mera repetição do que existe para que este pequeno conjunto humano – cerca de 3.000 pessoas vivem no bairro português de Malaca, construído nos anos 30 do século XX por proposta de um missionário francês, mas muitos outros 'portugueses' emigraram para outras regiões da Malásia e para Singapura – pudesse manter e afirmar a sua identidade no meio da diversidade cultural e linguística do país.

O sistema educativo baseado na língua oficial da Malásia (*bahasa malaysia*), bem como a própria estrutura social e étnica da Malásia (com três grupos majoritários – malaio, chineses e indianos), não facilita a preservação dessa identidade.

A partir deste quadro de referências, acrescenta Cátia Candeias, tornou-se «natural» fazer da aprendizagem do Português o «melhor instrumento de mediação para o desenvolvimento daqueles argumentos que, historicamente, foram sempre mobilizados como factores de identidade: a religião, a língua e a cultura».

Nas reuniões havidas com os representantes da comunidade, entre os quais o regedor Peter Gomez e o vice-regedor Michael Banerji, logo após a chegada de Cátia Candeias a Malaca, a 4 de Setembro, foram definidos os objectivos do projecto, a saber, «a sistematização e estudo do português de Malaca e o aumento dos conteúdos em português, através de aulas organizadas para o efeito e de trabalhos de recolha e estudo; o aumento dos repertórios coreográficos dos grupos de folclore; e a reparação de um manual de aprendizagem escrito em quatro línguas: português – português de Malaca – malaio e inglês, para quem a ele deseje recorrer». «O maior interesse da comunidade é que os mais novos não deixem de falar o crioulo português de Malaca para, através deste, se chegar ao português», sintetiza.

A dança folclórica foi a 'porta' escolhida pelo projecto 'Povos Cruzados' para 'entrar' junto desta comunidade, outrora composta sobretudo por pescadores pobres, e cujas «características sociais e económicas menos favoráveis condicionam processos lineares e simples de aprendizagem», no dizer de Cátia Candeias.

Um mestre de danças, José Machado, da Associação Cultural «Os Sinos da Sé», que esteve no bairro português 21 dias, «recolheu algumas músicas e poesias da comunidade e adaptou-as a passos de folclore português, necessariamente adaptados ao clima tropical, quente», relata a



Cátia Candeias

professora. «Este componente foi extremamente importante para o envolvimento total da comunidade», que o desejava há largos anos. E o mestre foi a pessoa indicada, dados os seus conhecimentos do folclore de Portugal. «Desta forma, o projecto logo de início incluiu uma série de componentes que permitiram à comunidade abraçar, sem restrições, a aprendizagem formal, isto é, as aulas de Português».

No entanto, Cátia Candeias sublinha que a motivação para estudar a Língua Portuguesa passa, em primeiro lugar, pelo «amor e orgulho profundo» no seu crioulo e na sua «cultura própria de raízes portuguesas». «Querem aprender Português porque nunca tiveram esta oportunidade», diz. Esta percepção da docente resultou da própria inquirição que fez junto dos alunos logo nas primeiras aulas.

«As crianças estão bastante entusiasmadas, ficam sempre curiosas com os temas das aulas e querem sempre prolongar a aula», dá conta a professora, que regista atitude semelhante por parte dos jovens e adultos. «Apesar de alguns já terem a sua vida programada, têm estado a reagir

de forma muito criativa e positiva. Por vezes são eles próprios que me propõem os temas a abordar na aula», sublinha.

Cátia Candeias considera que os frutos do ainda curto trabalho desenvolvido «estão já à vista», não só pelo número de alunos que frequentam as aulas de Português, como pelas fotografias e vídeos que são continuamente colocados no blogue criado em Malaca para o projecto: www.povos-cruzados.blogspot.com. «Tudo continua em crescimento», garante.

As aulas de Português estão a decorrer no *Portuguese Settlement - Open air Stage*, na praça principal do bairro português, com o apoio do 'Painel Regedor' do *Portuguese Settlement*. Foram organizadas duas classes: uma para as crianças entre os 6 e os 15 anos, outra para os jovens e adultos em simultâneo, entre os 16 e os 75 anos. A turma das crianças começou 20 de Outubro e, no primeiro dia, apareceram 18 alunos. Logo no segundo, já foram 26. A turma dos jovens e adultos iniciou-se a 3 de Novembro de 2009. No primeiro dia apareceram cinco alunos, número que aumentou subsequentemente para 16 alunos. Na opinião da professora, «com a divulgação das aulas de Português pela comunidade o número de alunos terá tendência a aumentar».

O projecto 'Povos Cruzados' beneficia de vários apoios, tanto locais como exteriores (incluindo entidades e empresas portuguesas, para além do IC, que dá apoio mediante uma bolsa e também através da leitora de Língua e Cultura Portuguesa colocada na Universidade Malaya, Maria Cristiana Casimiro), mas não tem qualquer ligação ou apoio das autoridades educativas da Malásia.

No entanto, Cátia Candeias considera que para a elaboração de um manual de aprendizagem do crioulo português de Malaca «seria extremamente importante a participação de uma equipa multi-linguas» de uma universidade local, nomeadamente para o trabalho fonético em português, inglês e *bahasa malaysia*.

Isto não quer dizer que haja hostilidade das autoridades. Pelo contrário. «O projecto foi apresentado ao chefe do governo [*chief minister*] do Estado de Malaca, bem como ao director-geral do Departamento de Imigração da Malásia, que

Uma minoria reconhecida

A comunidade de 'portugueses de Malaca' é uma minoria reconhecida autoridades da Malásia. A sua longa existência como uma comunidade de pescadores pobres, sem educação formal, determina as suas actuais dificuldades económicas, educativas e sociais, segundo Cátia Candeias, que acrescenta terem essas características «um peso importante na maneira como a própria comunidade se identifica e é identificada pelos outros grupos étnicos da cidade e do país».

No entanto, as autoridades malaias «reconhecem e apoiam a sua cultura, o seu património e contribuição histórica», garantindo-lhes «benefícios específicos apenas atribuídos ao grupo étnico maioritário, os malaio, e reconhecendo-lhes parcialmente o estatuto de *bumiputra* (filhos da terra)».

Especialista em desenvolvimento comunitário, Cátia Candeias espera que do reconhecimento como «filhos da terra» (e dos benefícios materiais decorrentes), dos esforços de educação formal, feitos tanto pelas autoridades malaias como do bairro, do melhoramento das condições físicas do próprio *portuguese settlement* em Malaca, do aumento do interesse turístico e das oportunidades que este cria, bem como do desenvolvimento de projectos sociais, venham a alterar as actuais condições e melhorarem as percepções internas e externas da comunidade.

deram prontamente a sua aprovação e apoio, colaborando e facilitando as formalidades de aprovação do visto de permanência» da professora.

Apesar de a comunidade dos portugueses de Malaca «ter abraçado este projecto, o facto de saberem da duração do projecto faz com que pensem no futuro...o que poderá acontecer depois?». Sem dúvida que muito vai depender desta primeira experiência em curso.

A Associação Cultural Coração em Malaca é uma entidade civil, sem fins lucrativos, de interesse público, histórico, cultural, científico, educativo e turístico que tem por objectivo manter o «legado português e luso-descendente» e a promoção da relação histórica, cultural e turística com Malaca. É presidida por Maria Luísa Martins Timóteo.

Página Esquecida, novo CD duplo de Bruno Borralhinho e Luísa Tender

Contra o desconhecimento

O violoncelista Bruno Borralhinho e a pianista Luísa Tender acabam de fazer sair um CD duplo na etiqueta alemã Dreyer&Gaido em que interpretam música portuguesa para os instrumentos a que se dedicam e intitulado, significativamente, *Página Esquecida*. A ideia, já antiga, revela Bruno Borralhinho, é «contrariar a tendência do desconhecimento da música portuguesa, no estrangeiro e mesmo em Portugal».

O violoncelista português, a viver na Alemanha e actualmente membro da Orquestra Filarmónica de Dresden e do Ensemble Mediterran, de que é também director artístico, diz que a internacionalização do projecto foi uma condição que colocou à sua realização. «Nunca me passaria pela cabeça realizar um trabalho destes com uma editora portuguesa», afirma, porque os objectivos em vista «só poderiam ser alcançados com uma editora que possuísse meios e vias de distribuição internacional».

A experiência de vida no estrangeiro foi «determinante» para decidir realizar um trabalho destes, garante. «Costumo contar isto várias vezes e não me canso de repetir: vivo na Alemanha há mais de nove anos e nunca ouvi música portuguesa na rádio. Nunca! Isso dói-me profundamente, sobretudo porque sei que não é uma questão de escolha é uma questão de desconhecimento».

Daí que, além dos CD agora editados, que tiveram o apoio do Instituto Camões (IC), já tenha organizado e tocado concertos com música portuguesa em Berlim e em Leipzig, e há 3 anos tenha gravado um CD com o Ensemble Mediterran, com quatro obras de jovens compositores portugueses, «todas estreias absolutas», diz. Nesta tarefa, afirma ter sempre «contado com o apoio do IC, seja directamente ou através da delegação da Embaixada Portuguesa em Berlim», apoio que reputa de «fundamental» e que o faz acreditar que «estas iniciativas realmente têm valor e importância». «Sem o apoio do IC teria literalmente andado a pregar no deserto».

Bruno Borralhinho mostra-se insatisfeito com a evolução da presença de músicos portugueses fora de portas. «Em Portugal existe sempre a ten-



FOTOS DE BRUNO BORRALHINHO/LUISA TENDER



dência em justificar as 'evoluções', comparando com a situação há dez ou vinte anos. Neste caso, há sem dúvida mais músicos a fazer carreira no estrangeiro», reconhece. Mas para ele, «a questão é que se comparamos com outros países, como a Espanha por exemplo, continuamos cronicamente a perder terreno». Em seu entender, o problema está na formação, considerando insuficientes os apoios para que jovens músicos portugueses possam estudar no estrangeiro, «em escolas e universidades de real qualidade, com os melhores professores».

Já quanto ao reconhecimento dos autores portugueses nos últimos anos, nota «sinais muito positivos». «Há uma geração de jovens compositores portugueses com muito talento e muito valor, se esse talento for aproveitado podemos sonhar com outro espaço na História da Música». Admite, contudo, que «esse talento esbarra muitas vezes com a falta de meios para desenvolver

o seu trabalho» e advoga mais apoios.

A escolha de Luísa Tender, que só conheceu no primeiro ensaio dos discos, deveu-se às características da pianista portuguesa. «Precisava de alguém com um determinado perfil e que me desse garantias em termos de qualidade para enfrentar todo o repertório que tínhamos pela frente. A Luísa Tender é «uma excelente pianista» e «tem sido um prazer enorme trabalhar com ela», afirma.

Os critérios seguidos para o alinhamento dos dois CD, gravados em Belgais – o centro cultural criado pela pianista Maria João Pires –, não se basearam nos compositores, em que figuram nove autores – Fernando Lopes-Graça (1906-1994), António Vitorino d'Almeida (1940), Armando José Fernandes (1906-1983), Frederico de Freitas (1902-1980), Joly Braga Santos (1924-1988), Luís de Freitas Branco (1890-1955), Jorge Peixinho (1940-1995), Luiz Costa (1879-1960),

Belgais

«Havia a opção lógica de gravar num estúdio na Alemanha, mas eu insisti muito em ter Portugal como ponto de partida para tudo. E pensei imediatamente em Belgais e nas características do seu entorno. Foi um aditivo fantástico em termos de inspiração e, como espaço, proporcionou-nos condições que não teríamos tão facilmente noutro lugar qualquer. [...] Gravámos dois CD em 3 dias, um espaço de tempo que é normalmente considerado escasso para 1 CD apenas. Se nos apetecia gravar mais um ou outro andamento às onze da noite ninguém nos impedia, e isso foi um factor muito importante para conseguir realmente gravar tudo a tempo.»

BRUNO BORRALHINHO

Cláudio Carneiro (1895-1963) – «mas sim nas próprias obras».

«Foram muitos meses de pesquisa de material, foi necessário experimentar muitas obras que nos eram completamente desconhecidas, foi finalmente necessário deixar de fora obras de compositores muito importantes. Como, por exemplo, Vianna da Motta», diz o músico português, acrescentando que «os critérios foram sempre baseados no que idealizámos para o produto final». «Queríamos um registo discográfico equilibrado em termos de estilos, de carácter, representativo em termos históricos», ficando de fora outras obras «que de forma alguma são menos interessantes do que as que finalmente gravámos» em Belgais, no centro criado por Maria João Pires. «Pode ser que um dia decidamos gravar um segundo volume da *Página Esquecida*, porque, no dizer de Bruno Borralhinho, «este projecto não acaba por aqui» e ele e Luísa Tender estão a trabalhar no sentido de dar seguimento ao que classificam de «missão da divulgação da música portuguesa». E dá como exemplo o facto de todas as obras gravadas no CD irem ser editadas em papel, revistas pelos dois músicos.

Quatro compositores para quatro mãos

Peças de quatro compositores portugueses do século XX e XXI integraram o programa apresentado na Alemanha, na semana passada, em dois recitais realizados a quatro mãos pelo duo constituído pelas pianistas Ana Queirós, professora no Conservatório de Música do Porto, na Academia de Música e na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, e Christina Margotto, pianista e professora no Conservatório de Música do Porto.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994), um dos mais significativos compositores do séc. XX da música erudita ocidental, que utiliza elementos do folclore popular português nas suas obras, Eurico Thomaz de Lima (1908-1989), compositor com significativa obra para quatro mãos, Fernando Lapa (n. 1950), compositor representativo da música contemporânea portuguesa, e Carlos Azevedo (n. 1949), que tem tratado o jazz e a música erudita, foram interpretados pelas duas pianistas no Heidelberg Klavierwoche e no Neckar-Musikfestival.

Estes dois reconhecidos festivais internacionais de piano destinam-se a divulgar o património musical de diversos países europeus e, na pre-

sente edição, relativa a 2010, o destaque foi, por opção dos organizadores, para Portugal, país convidado a apresentar repertório pianístico dos seus autores. Em anos anteriores os convites recaíram na Espanha, Bélgica e Sérvia.

O duo Ana Queirós/Christina Margotto tem tido precisamente entre as suas principais preocupações «a divulgação de repertório para piano a quatro mãos ou para dois pianos, bem como o repertório contemporâneo para dois pianos e outros instrumentos, em formações inovadoras, com destaque para a produção portuguesa, tendo inclusivamente peças dedicadas ao duo por compositores portugueses», segundo afirma.

Do seu histórico, individual e colectivo, ressalta a preocupação dada à valorização do repertório português e à criação portuguesa contemporá-



FOTO DE AUGUSTO PORTELA

nea, com um extenso currículo de participações em festivais, concertos ao vivo ou pela rádio, digressões e discos, de que se destaca a gravação de CD com a obra completa de Lopes-Graça

para violoncelo e piano e obras de Freitas Branco. Além da participação nos festivais, o duo tinha previsto a apresentação de uma amostragem da discografia de Lopes-Graça, Fernando Lapa e Eurico Thomaz de Lima e do catálogo das suas obras.

Nas intervenções a efectuar pré-concerto, o duo pretendia também dar destaque à estética da música de Lopes-Graça no contexto europeu, «permitindo perceber até que ponto a obra deste grande compositor não se confina ao contexto regional português e acompanha o seu tempo», bem como «à significativa contribuição de Thomaz de Lima para o repertório a dois pianos e quatro mãos português e o seu papel na divulgação da música portuguesa em países estrangeiros e à música contemporânea portuguesa, pela obra de um dos mais significativos compositores da actualidade, Fernando Lapa».